

LÚCIO CARDOSO NA IMPRENSA BRASILEIRA

Agosto de 2017 a Julho de 2018- Bolsa de Iniciação Científica/CNPq

Laura Cabral Torres

laura.torres@ufv.br

Joelma Santana Siqueira

jandraus@ufv.br

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo geral analisar reportagens sobre o escritor mineiro Lúcio Cardoso no jornal *A Noite* (RJ), por meio da hemeroteca digital. O escritor ficou conhecido por sua vasta obra, composta por narrativa, poesia, teatro, artes plásticas, cinema, ensaios, e ficou mais conhecido pelo romance *Crônica da casa assassinada* (1959). Ele também trabalhou no jornal supracitado a partir da década de 1950, colaborando com uma coluna diária intitulada “O crime do dia”. Investigamos a evolução da imprensa no livro *A História da Imprensa no Brasil*; a importância dos meios de comunicação como órgãos de poder e como divulgadores do campo literário a partir de *A Economia das Trocas Simbólicas* e do ensaio “A dinâmica do campo literário brasileiro”. Atentamos para a presença do escritor Lúcio Cardoso em estudos importantes da historiografia da literatura brasileira, como *História da literatura brasileira* (Picchio, 2004) e *História concisa da literatura brasileira* (Bosi, 1994). Encontramos um total de 489 ocorrências do nome Lúcio Cardoso no jornal *A Noite*, e analisamos cerca de 216 passagens. Elas revelaram a constante presença do escritor na imprensa, tendo sido muito divulgado pelo jornal. Identificamos muitas críticas sobre a participação do escritor como dramaturgo e a sua relação com outros escritores da época, em especial, o escritor Nelson Rodrigues. No entanto, constatamos um silêncio sobre a obra mais lembrada de Lúcio, *Crônica da casa assassinada* (1959), e sobre seu *Diário* (1960), muito polêmicas na época em que foram publicadas.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Literatura e imprensa; Literatura brasileira; Jornal A noite

O presente projeto teve como objetivo levantar dados a respeito da recepção da obra do escritor Lúcio Cardoso (1912-1968) na imprensa brasileira. A partir da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, tivemos acesso às edições do Jornal *A Noite* (RJ) nas décadas de sua publicação coincidente com o período de atividade literária e cultural do escritor.

Lúcio Cardoso nasceu em Curvelo, Minas Gerais, mas viveu maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde publicou sua obra e onde faleceu em 1968. O historiador Alfredo Bosi o situa na literatura introspectiva de 1930, mas sua obra é diversificada, e toma aspectos diferentes com o decorrer das publicações, de romance católico a romance intimista, de poesia, passando por novela, romance, teatro e até artes plásticas.

Escolhemos o Jornal *A Noite* (RJ), primeiramente, por ter sido o jornal onde Lúcio Cardoso publicou a partir de 1940 e trabalhou como jornalista a partir de 1947; segundo, por ter sido “um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro, fundado em 1911” e encampado, na década de 1940, pelo governo federal, transformando-se num “órgão de elogio obrigatório ao governo” (Ferreira 1999, p.85).

Entre as décadas de 1930 e 1940, no Brasil, os bens simbólicos e, principalmente a literatura, expandem-se consideravelmente. Ao mesmo tempo, a cisão política afeta esse campo, dividindo os escritores em “romancistas do Nordeste”, considerados de esquerda, e escritores católicos, considerados de direita. O pesquisador Randal Johnson (1995) afirma que, nesse contexto, as discussões dos intelectuais acerca da forma artística são deixadas de lado em detrimento do debate político. Lúcio Cardoso, no entanto, como afirma Cássia dos Santos (1997), participou ativamente do debate estético e literário por meio de artigos, depoimentos e entrevistas, o que teria pesado para a recepção de sua obra.

Dito isso, centramos a pesquisa às décadas de 1930 a 1960, no Jornal *A Noite* (RJ), buscando pela palavra chave “Lúcio Cardoso”. Encontramos centenas de ocorrências. Eliminamos as que não se referiam ao escritor e as ocorrências repetidas, como anúncios de publicações de livros, de encenação de peças, de traduções publicadas, entre outras de ter mais geral. Analisamos cerca de 216 ocorrências que tratam da recepção do escritor como poeta, romancista, novelista e dramaturgo, assim como das polêmicas nas quais ele se envolveu.

É no meio jornalístico que os escritores se consagram. A partir de Bourdieu, Moura (2012, p.59-60) estabelece “o tripé básico da instituição literária”, composto por escritor-jornalista, imprensa e aparelhos, observando que a imprensa tem “ação incisiva na caracterização da instituição literária e age durante muito tempo como elemento dominante da ascensão do escritor”.

A constante presença do nome de Lúcio Cardoso nos jornais se justifica pela relação com seus pares e pela sua atividade artística e jornalística, que se inicia em 1930. Ao fixar residência no Rio de Janeiro, o escritor passa a ter contato com a produção cultural do país, já que, como afirma Sodré (1988, p. 204) “no campo urbano é que circulavam os jornais, é que funcionavam os teatros”. Suas relações pessoais favorecem sua consagração como escritor, como a amizade com Augusto Frederico Schmidt, também escritor e editor. Seu primeiro romance, *Maleita* (1934), sai publicado pela Schmidt Editora.

Na década de 1930, Lúcio Cardoso publica três romances. O já citado *Maleita*, *Salgueiro* (1935) e *A luz no subsolo* (1936). Nesse período, no entanto, não há presença de notícias a

respeito do escritor no jornal *A Noite*. Na década seguinte, 1940, sua presença é muito maior no meio jornalístico. É quando o escritor está mais envolvido com o teatro e a publicação de novelas, como *O Desconhecido* (1940), *Inácio* (1944), *A professora Hilda* (1946) e *O Anfiteatro* (1946), inclusive *Céu escuro*, escrita especialmente para o semanal “Vamos Lêr!”, separata do *A Noite*. É também nessa década que as pressões sobre o posicionamento dos intelectuais a respeito das questões sócio-políticas mundiais aumentam.

Na década de 1950, há um hiato na publicação de romances e novelas na carreira do escritor, mas seu nome é recorrente no jornal. A maioria dessas ocorrências se refere à coluna de ficção que Lúcio passa a assinar a partir de 1952 no jornal *A Noite*, intitulada “O crime do dia”, e as passagens por nós analisadas tratam em sua maioria da participação dele no meio dramaturgo.

A despeito da publicação de *Crônica da Casa Assassinada* (1959) e *Diário* (1960), o nome de Lúcio Cardoso quase que desaparece do jornal na década de 1960, com a imprensa pouco se manifestando sobre as obras mais marcantes da carreira do escritor.

Além de romancista, poeta, pintor, Lúcio também trabalha como tradutor para a editora José Olympio. Muitas das passagens encontradas no jornal são propagandas das edições por ele traduzidas de obras como *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, *As Confissões de Moll Flanders*, de Daniel Defoe, *Ana Karenina*, de Tolstoi, entre outras.

De acordo com Lamego (2013, p. 24) “o livro do jovem Cardoso foi citado em todos os jornais de 1934”, se referindo à obra *Maleita*. No entanto, o jornal *A Noite* não faz menção a respeito desse e dos demais romances de início da carreira de Lúcio Cardoso. Somente em 1954, quando nova edição de *Maleita* é anunciada, Hildon Rocha recupera, em sua coluna “Homens e Obras”, a crítica de Agripino Grieco realizada à época do lançamento do romance, em 1934.

No Sr. Lúcio Cardoso – escreveu entusiasticamente Agripino Grieco ao aparecer ‘Maleita’ – algo existe do visionarismo apocalíptico de um Julien Green. Talento admirável, como raras vezes se tem verificado em nossas letras, tratando-se de autor tão jovem. Precocidade que faz pensar na época romântica, quando surgiam temperamentos exaltados e ricos à Alvares de Azevedo’. E, em seguida, ‘Com uma arte feita em grande parte de amargura e fatalismo, arte que procura naturalmente os aspectos de dolorosa volúpia, de sangue, de morte horrenda, o Sr. Lúcio Cardoso mostra-se, nos seus melhores trechos, nos mais característicos, um místico e um humanitarista, um pré-cristão ou cristão que não crê que a felicidade e a paz sejam coisas deste mundo.’^{1 2}

¹ “O Nosso Julien Green”, *A Noite* 29 de março de 1954, página 15.

² Mantivemos a pontuação e sintaxe das passagens como nas originais. Alteramos a ortografia das palavras para a vigente na língua portuguesa. Os nomes próprios permanecem como grafados nas publicações originais.

O texto recuperado por Hildon Rocha traz a primeira crítica feita à obra de Lúcio comparando-o com o francês Julien Green, o que será recorrente na recepção do escritor. É também Grieco o primeiro a comentar sobre a presença da temática católica e do sombrio nas obras de Lúcio.

Apesar de nada ter sido publicado no jornal *A Noite* sobre as obras de estreia de Lúcio Cardoso, quando este passa a dar visibilidade ao escritor por suas outras publicações, já o reconhece como escritor preocupado com perfis psicológicos das personagens:

Lucio Cardoso, que já apresentou com êxito ‘A Luz no Subsolo’ e ‘Mãos Vazias’, surge agora com um novo romance – ‘O Desconhecido’ (...) fixando através de uma trama episódica atraentes perfis psicológicos de raro interesse e sentimentos que explicam certas peculiaridades dramáticas do indivíduo em luta com as circunstâncias de seu destino.³

Embora muitas das passagens exaltem Lúcio tanto por *Maleita* quanto por *A luz no subsolo*, sabe-se que esta foi recebida com estranheza. Em sua tese, Lamego (2013, p.33), recorrendo ao trabalho de Mário Carelli, *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso 1912-1968*, recupera cartas de Jorge Amado e Mario de Andrade criticando a obra, e também afirma que “*A luz no subsolo* foi um dos livros mais atacados da obra de Lúcio Cardoso e um divisor de águas em sua bibliografia.

Mas mesmo com a estranheza da crítica a respeito do terceiro romance do escritor, sua inauguração no teatro é esperada com excitação. Na divulgação de “O Escravo” (1943), o jornal publica uma notícia afirmando que “[e]m três atos, a peça do grande romancista de ‘A luz no subsolo’, subirá à cena pela primeira vez, notícia que tem despertado interesse e ansiedade nos círculos literários do país.”⁴ E ainda reconhece a amplidão artística de Lúcio quando afirma que a peça é “mais um trabalho onde Lucio Cardoso renova o seu poder de criação.”⁵

A ansiedade e a expectativa para o lançamento do romancista na dramaturgia caem por terra depois da inauguração. Em uma das chamadas do jornal *A Noite* para o semanal “Vamos Lê!”, encontramos a resenha de Hildon Rocha que trata da peça “O Escravo”. Apesar do texto não ter sido veiculado no jornal foco desse trabalho, é interessante trazer o que é falado sobre o escritor, especialmente por que Hildon Rocha é um dos principais colunistas do jornal a lembrar de Lúcio. Ao criticar o ambiente da peça como “doentio, triste, enigmático, obscuro”, Hildon Rocha acusa Lúcio de viver isolado, dentro de si mesmo;

³ “O Desconhecido - Lúcio Cardoso (Ed. Liv. José Olimpio – Rio), *A Noite*, 4 de fevereiro de 1941, p. 2.

⁴ “Os Comediantes, numa série de espetáculos”, *A Noite*, 27 de março de 1943, p. 8.

⁵ Ibid.

O Sr. Lucio Cardoso tem uma incrível capacidade de se isolar do mundo, de suas realidades, de seus problemas, da inquietude do nosso tempo, dos homens, da sociedade, de tudo que é palpável e real. Volta-se para dentro de si mesmo, e seu subjetivismo não reflete o mundo em que vivemos: é alucinado, irreal e fantasioso.⁶

Não é a primeira vez que Lúcio é acusado de ignorar a realidade de seu tempo nas suas obras, e não é pouca a polêmica gerada por sua produção introspectiva. É também por meio de cartas, não só publicações em jornais, que os intelectuais contemporâneos de Lúcio expressam sua indignação com o fato de ele se afastar do realismo social.⁷

A peça “Angélica”, encenada em 1950, também desagrada. Ao comparar a personagem principal com o Drácula de Bram Stoker, mas nesse caso, “de saias”, RMJ, que assina o texto na publicação a respeito da obra, critica o desenvolvimento do tema afirmando que ela não causa nenhum sentimento à plateia, nem de emoção nem de entretenimento.⁸

A capacidade criativa de Lúcio, no entanto, é exaltada. Quando ele lança, em 1941, o livro *Poesias*, pela editora José Olympio, Roberto Lyra, em sua coluna no jornal, comenta as publicações: “(...) em ‘Poesias’, extrai o suco afetivo de seus romances, contos e novelas, comunicando-se com a essência da dor universal.”⁹ E quando publica *Inácio* (1944) e *Novas Poesias* (1944), chama a atenção para a “invariabilidade de fundo”¹⁰, com os temas que são recorrentes na obra do autor presentes também nestes, e “flexibilidade de forma”¹¹, por passar por diferentes gêneros literários.

Após deixar o meio dramaturgo, onde aparentemente Lúcio não teve sucesso, e ser ironizado pela crítica “Lucio não é mais de teatro. É uma grande perda. Está desgraçado o nosso teatro. Choremos. Supliquemos a Lucio que volte. Que nos salve, o poeta puro!”¹², o autor continua a ser lembrado por sua tentativa, principalmente em comparação com Nelson Rodrigues.

Lúcio Cardoso é comparado a Nelson Rodrigues por temas semelhantes presentes em suas peças e contos, e por traçarem carreiras afins na mesma época – Nelson Rodrigues, em 1951, inicia coluna de ficção no jornal *Última Hora*, primeiramente intitulada “Atirem a primeira

⁶ “O Teatro Mal-Assombrado de Lucio Cardoso”, *Vamos Lêr*, 23 de dezembro de 1943, pp. 27 e 61.

⁷ O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950), de Valéria Lamego (2013) e Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso, de Cássia dos Santos (2001), tratam desses conflitos.

⁸ “‘Angélica’, de Lucio Cardoso, no Teatro de Bolso”, *A Noite*, 13 de novembro de 1950, paginação apagada.

⁹ “Poesia”, *A Noite*, 3 de junho de 1941, p. 2.

¹⁰ “Semana Literária”, *A Noite*, 4 de fevereiro de 1945, p. 6.

¹¹ Ibid.

¹² “Casos e Coisas do Momento – Amarguras de Lucio Cardoso”, *A Noite*, 31 de julho de 1950, p. 6.

pedra” e dois meses depois alterada para “A vida como ela é”. Lúcio, em 1952, também passa a assinar a coluna de ficção no jornal *A Noite*, “O crime do dia”.

Hildon Rocha, que, como já dissemos é um dos principais críticos a lembrar-se de Lúcio nas publicações no jornal, primeiramente coloca Nelson Rodrigues muito acima de Lúcio nas artes cênicas.

Outros autores da mesma raça, provavelmente menos senhores da técnica, qual Lúcio Cardoso, por exemplo, não têm alcançado nem a metade do êxito do criador de *Álbum de Família*. A explicação se encontraria, é de se crer no fato de que os aludidos autores não se inclinam com a mesma incontida preferência para o horripilante e o sórdido, mania e obstinação de Nelson Rodrigues.^{13 14}

Mas em outra publicação¹⁵, realizada três anos depois, exalta Lúcio Cardoso pelas suas novelas e pelas suas poesias (no que ele afirma ter Murilo Mendes de acordo), comentando a afirmação dos rapazes do Flan de que Rodrigues seria superior a Cardoso. Para Hildon Rocha, aquele é muito mais arrogante, enquanto este se abstrairia de seu próprio talento optando por uma literatura mais simples. Afirma, no entanto, que, “no que toca às histórias que ambos publicam diariamente, o mau gosto é dos dois lados”:

O autor da maldosa nota recorda o sucesso de Nelson Rodrigues e o insucesso de Lúcio Cardoso, no teatro. Mas se esquece de que o autor de “Dias Perdidos” é um dos mais destacados romancistas que possuímos nesta hora, não obstante os defeitos e as extravagâncias de algumas concepções. A verdadeira diferença entre os dois, no entanto, é esta: Lúcio Cardoso se abstrai do seu próprio valor e da autenticidade do seu talento, entregando-se à literatura fácil e aos enredos aberrantes; e o seu rival Nelson Rodrigues faz tudo isso, mas sempre considerando-se (no que é secundado pelos seus amigos da onça) um perfeito Shakespeare brasileiro.¹⁶

Na mesma coluna, “Homens e Obras”, em 1952¹⁷, Hildon Rocha afirma que os principais escritores da época se encontram “em férias” e que talvez o “ponto de mais intensa efervescência e projeção” dos mais famosos escritores nacionais tenha se esgotado, por um perceptível hiato na publicação de obras por esses escritores.

¹³ “Homens e Obras – José Cesar Borba”, *A Noite*, 21 de janeiro de 1952, p. 5.

¹⁴ As marcações sublinhadas de todas as passagens foram feitas por nós.

¹⁵ “Homens e Obras – Machado ‘Contra’ Eça”, *A Noite*, 18 de maio de 1953, p. 3.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ “Homens e Obras – A propósito de ‘O Labirinto de Espelhos’”, *A Noite*, 22 de setembro de 1952, p. 6.

Hildon Rocha se refere tanto aos “do Nordeste” quanto aos da “ficção introspectiva”, e de acordo com ele, mesmo José Lins do Rego e Jorge Amado tendo problemas na estrutura e na forma de seus romances, eles formaram “o mais vigoroso grupo de romancistas que já encheu qualquer época da nossa história literária”.

Sobre Lúcio Cardoso e seu amigo Otávio de Faria, no entanto, afirma que estes “por suas características de talento e feição representaram até 1944 o nosso próprio romance contemporâneo” e que se sentiam os “proprietários” do gênero romance, e que boa parte disso seria responsabilidade da crítica, por ter “insuflado” esse sentimento.

As afirmações de que Lúcio Cardoso e seus pares na literatura intimista seriam donos do romance nos aludem à declaração do escritor intitulada “Confissões de um homem fora do tempo”, em que afirma:

A esta altura, quando jornais e revistas se eriçam contra tudo que não seja uma participação imediata contra a guerra e outras manifestações do nosso tempo, quando um vil objetivismo se apodera de todas as vocações fracassadas, de todos os talentos sem meios, e de todas as celebridades sem rumo certo, ousou declarar humildemente (...) que acredito no romance.¹⁸

Nessa declaração, Lúcio se opõe às pressões para que intelectuais, escritores, artistas se manifestem sobre a Segunda Guerra e o nazifascismo, e se coloca como útil somente na função de romancista. A declaração foi uma das mais polêmicas na vida de Lúcio, a que mais gerou comentários, além de ter ajudado a aumentar a cisão no meio literário entre os escritores de esquerda, do romance social, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, e os escritores “catolizantes”¹⁹, que traziam a temática religiosa nas suas obras, como Cornélio Penna e Octávio de Faria, só confirmando o que seria um descompromisso desses últimos com as questões sociais.

A respeito dessa declaração de Lúcio, Alvaro Gonçalves publica longa crítica²⁰ ao escritor, chamando-o de comodista, pois que aquele teria se referido a intelectuais que “trocam o comodismo, as mesas fartas e o bom emprego pelo posto de vanguarda na mobilização espiritual contra a violência e contra a opressão das massas”, enquanto Lucio serviria ao inimigo por “viver acenando, entre sorrisos e tapinhas amigáveis, para o fascismo que se infiltra a cada segundo através de suas várias roupagens (...)”

¹⁸ CARDOSO, Lúcio; *Crônica da casa assassinada*. Edição Crítica; Mário Carelli, coordenador – Madrid, Espanha: ALLCAX, 1997.

¹⁹ Lamego (2013, p. 27) traz comentário pejorativo de Jorge Amado sobre *Maleita* (1934). As obras de Lúcio Cardoso são repletas de temas religiosos, tanto pela culpa quanto pela cultura católicas no Brasil. Isso não repercutiu bem para o escritor no campo ideológico, visto que ser católico era entendido como posição política.

²⁰ “O intelectual e a arte pura”, *A Noite*, 26 de março de 1944, s/p.

Não apenas só as declarações políticas de Lúcio esquivando-se do debate político foram polêmicas. Sua veia artística, intimista, psicológica, focando nos problemas pessoais e emocionais das personagens a despeito das dificuldades materiais, bem como a presença de temas como incesto, transexualidade e homossexualidade, causaram rebuliço. Porém não no jornal *A Noite*.

Quando iniciamos esse trabalho, esperávamos que o recorte da pesquisa centrada a década de 1960 nos desse uma quantidade grande de textos com o nome de Lúcio Cardoso. Mas isso não aconteceu. As publicações de *Crônica da casa assassinada* (1959) e *Diário* (1960) quase não são discutidas no jornal.

Sobre o *Diário*, encontramos apenas duas menções: em um texto de R. Magalhães Jr. em sua coluna “Janela Aberta”, que trata da publicação do diário de Roberto Alvim Corrêa e menciona também o diário publicado por Maria Carolina de Jesus, antes de citar o diário de Lúcio:

Um dos nossos maiores escritores, Lúcio Cardoso, publicou também a primeira parte de seu “Diário”, livro admiravelmente escrito, do qual gostarei de falar mais longamente noutra oportunidade.²¹

Outro texto menciona trechos do *Diário* que tratam das experiências de Lúcio Cardoso com o teatro.²² Embora R. Magalhães Jr. prometa falar sobre o *Diário* novamente, não encontramos nenhum outro texto no jornal a ele relacionado.

Com *Crônica da casa assassinada* a situação não é muito diferente. Encontramos algumas passagens relevantes, mas que comentam pouco sobre a obra ou o enredo. Em coluna intitulada “Sugestões Literárias”, Marfa Barbosa Viana afirma que *Crônica* é um “provável best-seller” e que o livro é “trágico, de enredo sensual e pecaminoso” e que “lembra alguns romances franceses, pela riqueza de detalhes e profundidade psicológica”²³. O texto traz ainda pequeno excerto da obra.

Na mesma coluna, ainda, pouco tempo depois, Marfa Viana compara *Crônica* com a técnica de Aldous Huxley, comenta sobre as características das personagens e afirma que “o romance prende a atenção, agrada e revolta, simultaneamente”²⁴, prometendo escrever mais sobre. Encontramos, publicado poucos dias depois, texto em que a crítica, trazendo Lúcio como seu interlocutor direto, trata brevemente do desenrolar do enredo e revela segredos da obra em uma tentativa vã de explicar o texto, antecipando seus mistérios.²⁵

²¹ “Janela Aberta – O Diário de um Católico Anticonservador”, *A Noite*, 28 de dezembro de 1960, p. 2.

²² “Um Significativo Tributo à Glauce Rocha”, *A Noite*, 29 de dezembro de 1960, p. 3.

²³ “Sugestões Literárias”, *A Noite*, 16 de março de 1963, p. 3.

²⁴ “Sugestões Literárias”, *A Noite*, 21 de março de 1963, p. 5.

²⁵ “Sugestões Literárias”, *A Noite*, 2 de abril de 1963, p. 3.

Nada mais é dito sobre essa obra, e mesmo que o jornal *A Noite* tenha fechado em 1964, por conta da fragilidade financeira da empresa, entre outras razões, esperávamos que, principalmente em 1960, a publicação de *Crônica da casa assassinada* tivesse tido mais relevância no jornal.

Pudemos perceber, a partir das análises feitas, primeiramente, que o nome de Lúcio Cardoso, não só como colaborador do jornal *A Noite*, foi muito relevante, e que não só interessamos e aos estudos literários mas também aos estudos de história social.

Em segundo lugar, a notoriedade dada hoje ao romance *Crônica da casa assassinada* e ao *Diário* não foi a mesma dada à época de seus lançamentos, e nos questionamos se esse fato se deve aos temas e assuntos tratados neles: a homossexualidade, a transexualidade, o incesto, e a decadência da família mineira. Não achamos que o fato de o jornal *A Noite* ter encerrado suas atividades em 1964 justifique as poucas publicações sobre essas obras, mas vale a pena investigar posteriormente se os principais críticos que falaram sobre Lúcio em suas colunas no jornal (Hildon Rocha e R. Magalhães Jr., por exemplo) já haviam se afastado do mesmo à época das publicações.

Perguntamo-nos até onde estava em jogo o texto literário ou as disputas políticas, dada a observação de que o Jornal *Última hora*, onde Nelson Rodrigues publicava a coluna “A vida como ela é” era, naquele momento, o jornal a favor de Getúlio Vargas, o que poderia ter influenciado a decadência do *A Noite* e ter dado mais visibilidade a este dramaturgo. Além disso, perguntamo-nos até onde esse tipo de comparação, sem uma discussão pautada na análise do texto, publicada em um jornal de ampla circulação, pode ter contribuído para o ofuscamento da obra de Lúcio Cardoso.

Buscamos, por meio desse trabalho, investigar a importância dada pela imprensa ao escritor mineiro e concluímos que ele foi relevante enquanto romancista, novelista, dramaturgo e poeta para o meio literário da sua época, sempre presente nas discussões do campo, como comprovam as passagens encontradas.

Acreditamos, também, que esse trabalho colabora para a continuidade das discussões acerca da vida e da obra de Lúcio Cardoso, que permanece pouco lida e estudada dentro e fora da academia, a despeito de seu nome estar constantemente associado aos de grandes escritores da literatura moderna no Brasil.

Referências Bibliográficas

Acervo Jornal *A Noite* (RJ) disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Último acesso em 25 de agosto de 2018.

ANJ - Associação Nacional de Jornais. “Imprensa Brasileira: Dois Séculos de História”. Disponível em <<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/>>. Último acesso em 27 de agosto de 2018.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, Bruno. “A Noite (Rio de Janeiro, 1911)”. 2014; disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>>. Último acesso em 25 de agosto de 2018.

CARDOSO, Lúcio; *Crônica da casa assassinada*. Edição Crítica; Mário Carelli, coordenador – Madrid, Espanha: ALLCAX, 1997.

CARDOSO, Lúcio; *Diários*. Organização Ézio Macedo Ribeiro - 2ª edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. Trad. Antônio Dimas. Revista USP. n. 26. São Paulo, jun/jul/ago, 1995. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28160>> . Último acesso em 18 de outubro de 2015.

LAMEGO, Valéria. O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950). Rio de Janeiro: Tese de Doutorado – PUC-Rio, 2013.

MOURA, Sérgio Arruda. “Literatura, imprensa e cidade: a constituição do campo literário no Brasil”. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.14, n. Especial 2, p. 55-66, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950.” Estudos Históricas, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p. 147-160. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>>. Último acesso em 27 de agosto de 2018.

SANTOS, Cássia. “Polêmica e controversia em Lúcio Cardoso – o itinerário de *Maleita* a *O enfeitado*”. Dissertação de mestrado defendida na Unicamp, 1997.

SANTOS, Cássia dos. *Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso*. Campinas, São Paulo: Fapesp, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

Publicado em agosto de 2020.